

Igreja de São Benedito de São José dos Campos (São Paulo – Brasil): memória, patrimônio e oralidade pela ótica de Sônia Gabriel

Stella Silva

Universidade Federal de São Paulo
São Paulo - São Paulo - Brasil
stellacamille443@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo analisar a relação entre memória, patrimônio e oralidade por meio do estudo da Igreja de São Benedito, situada em São José dos Campos (SP). Essa pesquisa tem como metodologia uma revisão bibliográfica de cunho qualitativo, tendo como referência principal a obra “Mistérios do Vale”, de Sônia Gabriel. A pesquisa parte de crônicas populares associadas ao templo — como a presença de um corpo em suas paredes ou a existência de túneis secretos —, articulando tais narrativas com a bibliografia especializada sobre patrimônio material e imaterial. Os resultados evidenciam que as memórias do município permanecem vivas na oralidade local. O estudo contribui para o debate sobre patrimônio cultural e memória subalterna no espaço urbano, propondo uma escuta historiográfica sensível às vozes excluídas da história oficial.

Palavras-chave: Igreja de São Benedito. História Oral. Cidade. Patrimônio.

Introdução

A identidade histórica do Vale do Paraíba Paulista foi profundamente forjada durante o ciclo do café. Municípios como Pindamonhangaba, Taubaté, Lorena e Bananal perpetuam em sua memória coletiva a pujança da lavoura cafeeira, sedes outrora de grandiosas fazendas e de seus renomados barões. Para além dessa herança econômica, a região também se notabiliza por ser o berço de figuras de projeção nacional, a exemplo do escritor Monteiro Lobato e do poeta Cassiano Ricardo, que imortalizaram o lugar em suas obras.

As histórias que permeiam o Vale do Paraíba, no entanto, não se resumem somente ao café. Sônia Gabriel (2011) é autora da obra “*Mistérios do Vale*” que, publicada pela primeira vez em 2006, contribuiu enormemente com o cenário cultural local, mesmo não sendo nascida na região. Radicando-se em Jacareí ainda na infância, Sônia Gabriel, como escritora e historiadora, passou a colher as tradições orais dos moradores e a publicar crônicas em periódicos vale-paraibanos. Seus escritos capturam a diversidade e a riqueza cultural de toda a área, compilando narrativas populares. Fruto desse meticoloso trabalho de pesquisa e reunião de mais de 138 contos, surge o livro que serve de principal referência a este estudo

Ao todo são 138 narrativas que apresentam ao leitor um panorama sociocultural das 39 cidades que compõem a região: são lendas, causos, crônicas religiosas, narrativas fantásticas e anedotas de humor a compor o inventário folclórico do Vale do Paraíba, cumprindo o papel de uma radiografia amorosa da região atravessada pelo Rio Paraíba e adjacências (Santos; Oliveira, 2016, p. 1).

Contos sobre o Rio Paraíba do Sul e a Rodovia Presidente Dutra podem ser encontrados na sua produção, assim como histórias referentes às demais cidades vale-paraibanas. O presente estudo, no entanto, concentra seu foco na cidade de São José dos Campos e nas narrativas da Igreja de São Benedito: templo erguido pela população escravizada no século XIX. Este patrimônio carrega um profundo simbolismo, sendo o único bem de origem negra da cidade a receber o tombamento pelo CONDEPHAAT. Pretende-se, então, compreender de que maneira seus aspectos simbólicos (os contos) se cruzam com seus aspectos historiográficos (os documentos).

Por meio das Atas Oficiais da Irmandade de São Benedito dos Homens Pretos, armazenadas no Arquivo Público Municipal, é possível reconstruir a história de um grupo que, por meio da resistência, movimentou-se no centro da cidade de São José dos Campos. Sua memória tem sido recolocada nos holofotes da história joseense, visto que o município exalta com maior frequência suas narrativas tecnológicas em detrimento de outras. Sendo assim, este artigo representa a realização de uma outra vertente que atravessa o objeto de estudo em questão: as oralidades e narrativas enquanto elementos fundantes da história joseense.

Nesse sentido, as atas supracitadas são uma das fontes primárias utilizadas na escrita deste artigo e referem-se ao ano de 1878. Disponíveis virtualmente pelo site do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos, as atas são de difícil leitura visto que foram redigidas a punho em uma época em que a norma padrão da língua portuguesa era outra. Assim sendo, as atas aqui citadas estarão acompanhadas pela transcrição paleográfica das mesmas, possibilitando o entendimento do conteúdo por parte do leitor.

A outra fonte primária que será de importante uso é o Álbum de São José dos Campos, publicado em 1934 por João Netto Caldeira. Essa fonte pode ser entendida como um livreto que reúne fotografias locais, minibiografias das importantes figuras da cidade na época e outras curiosidades, permitindo a compreensão de qual era o cenário joseense no período em questão. Neste álbum, encontram-se histórias que são citadas na obra de Sônia Gabriel, possibilitando a interligação do mito com o documental.

Este artigo tem como metodologia uma análise de cunho qualitativo e exploratório, juntamente com uma revisão bibliográfica relacionando as informações das fontes primárias citadas com os contos de Sônia Gabriel. Para o debate historiográfico, foi utilizado como critério de seleção autores que são referência nas pautas que atravessam o debate proposto.

Para introduzir os trabalhos sobre a Igreja de São Benedito, Silva (2024) foi a principal autora utilizada. No que se refere à cultura e memória, autores como Maurice Halbwachs (2006) e Eric Hobsbawm (1983) foram priorizados. Para discorrer sobre história oral, Ecléa Bosi (2003) e Paul Thompson (1992). Por fim, para abordar cidade e patrimônio, Milton Santos (2002) e Mário Chagas em conjunto com Regina Abreu (2009).

Matérias de jornais que citam a Igreja de São Benedito e suas lendas também foram selecionadas como recursos historiográficos. A maioria das manchetes encontradas estão localizadas na hemeroteca da Biblioteca Maria Amália Corrêa Giffoni. Por fim, a elaboração de um mapa que possibilite a melhor compreensão das crônicas existentes também foi um recurso utilizado. O artigo foi dividido em três seções para que seja possível uma fluidez durante a leitura e para que seja realizado com êxito a apresentação e discussão das fontes supracitadas.

Na primeira seção, foi realizada uma breve apresentação da história da Igreja de São Benedito e da Irmandade de São Benedito dos Homens Pretos. Na segunda, uma apresentação da obra que guia este artigo: “*Mistérios do Vale*”, de Sônia Gabriel. Foram apresentadas também as lendas e crônicas que atravessam a história do monumento de taipa. Por fim, a última seção representa o coração desta escrita, pois realizou-se a conexão entre o mito e o fato por meio das fontes primárias joseenses.

Igreja de São Benedito: uma breve história

Antes de adentrar nas crônicas que orbitam a memória da Igreja de São Benedito, é fundamental contextualizar a sua trajetória histórica. Erguida em 1870 no centro da cidade, a igreja foi construída em taipa de pilão, uma técnica vernacular de baixo custo. Sua edificação está intrinsecamente ligada ao contexto escravista joseense. Os escravizados que integravam a irmandade coletavam esmolas na zona urbana e rural para custear a obra, já que tinham sua circulação e acesso à Igreja Matriz restringidos. Em função das arrecadações insuficientes, a construção demorou mais de uma década para ser concluída (Silva, 2024).

Tendo como motivo motor a devoção ao santo mouro, os participantes da irmandade registraram seu cotidiano nas Atas Oficiais da confraria, fontes estas armazenadas atualmente pelo Arquivo Público Municipal e disponibilizadas virtualmente pelo site do Núcleo de Pesquisa Pró-Memória São José dos Campos. Anualmente, realizavam a Festa de São Benedito para arrecadação de fundos, festividades estas que contavam com apresentações das Congadas e Moçambiques, manifestações populares afro-brasileiras.

No livro “Um monumento em taipa: Igreja de São Benedito”, escrito por Geraldo Marcondes Cabral (1985), alguns aspectos da história do grupo foram abordados, também por meio das atas mencionadas. Na introdução do livro, há um trecho da música da Companhia de Moçambique de Eugênio de Melo, letra essa que pertence à uma das músicas que cantavam durante as apresentações das tradicionais manifestações:

Não ofenda seus irmãos
Só porque a péle é escura
São Benedito também é preto
mais a sua alma é pura
É filho do mesmo Pai
que está lá nas alturas
Seja branco ou seja preto
Todos descem a sepultura
(Companhia de Moçambique de Eugênio de Melo; Cabral, 1985, [s.p.]).

Composta por homens e mulheres, escravizados, libertos e proprietários de escravizados, a irmandade era estruturada por cargos como tesoureiro, zelador, escrivão, juiz maior e menor etc. Os senhores ocupavam cargos que exigiam escrita e manuseio de números, visto que eram os alfabetizados (Silva, 2024). Em seus primórdios, a irmandade viveu o cenário da produção cafeeira do Vale do Paraíba Paulista. Maria Aparecida Papali (1996) afirma que São José dos Campos não liderou a produção do café, não sendo também a sede dos grandes barões como as cidades vizinhas. Em média, os proprietários de terra tinham no máximo trinta escravizados. Apesar de serem minoria em relação a outras cidades do Vale do Paraíba, moviam-se pela devoção e resistência ao sistema escravocrata.

A historicidade da Igreja de São Benedito não é amplamente conhecida no município. Entende-se que São José dos Campos enfrenta um grande desafio no que se refere à manutenção da memória dos povos subalternos. Intitulada “Cidade Inteligente” pela ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) em 2022, a cidade acaba por enfatizar ao extremo as memórias aéreas e tecnológicas do local, condenando à um apagamento sistêmico as narrativas que incluem a resistência e a força negra que a Igreja de São Benedito e outros locais representam. Lembrada como patrimônio histórico religioso, o templo acaba não sendo associado à uma memória do povo negro local (Silva, 2024, p. 134).

Devido sua preservação por lei municipal e estadual, a fachada da Igreja permanece a mesma desde sua construção. De arquitetura simples e cores neutras, o tamanho significativo do templo chama a atenção. Com janelas frontais e laterais, a Igreja compõe uma das principais vistas urbanas do município joseense. Nesta foto do século XX, percebe-se o templo presente na paisagem do município antes do processo de verticalização.



Figura 1: Igreja de São Benedito no século XX
Fonte: Arquivo Público Municipal de São José dos Campos (s.d.)

Em contrapartida ao apagamento histórico, os estudos contemporâneos dedicam-se a um movimento de resgate e revalorização dessas narrativas silenciadas. Neste contexto, o presente artigo aspira a se inserir como mais uma voz nesse esforço coletivo, buscando iluminar a trajetória da Igreja de São Benedito. Este templo transcende sua função religiosa para se afirmar como um pilar do patrimônio histórico negro local, constituindo-se como um lócus de memória e identidade que dialoga constantemente com seu entorno e ressoa a resistência de uma comunidade.

Memórias do Vale: os registros de Sônia Gabriel

O livro “*Mistérios do Vale*”, de Sônia Gabriel (2011), é a passagem exata para um passado remoto, conduzindo as memórias e narrativas dos antigos moradores do Vale do Paraíba Paulista. Guaratinguetá, Canas, Pindamonhangaba, Jacareí, Taubaté e muitas outras cidades são representadas pela obra de Gabriel. No início do livro, a autora registra a história por trás da obra vencedora do Prêmio Cultural Eugênia Sereno em 2006:

Há aproximadamente nove anos comecei a pesquisar sobre o Vale do Paraíba, em seguida, lecionei em cursos de Turismo em São José dos Campos, trabalhando sobre ‘História local’. Necessitava de um material que não encontrava com facilidade. A princípio as pesquisas eram voltadas apenas para os aspectos históricos de nossa região, mas as constantes viagens para nossas cidades, as entrevistas com moradores, as fotografias, as indicações de leituras acabaram revelando também o aspecto cultural, cada cidade com seus mistérios, suas tradições e suas explicações para o sobrenatural. Apaixonei-me pelas conversas ao pé do ouvido, os bancos de praças, a

generosidade de um povo que teima e faz muito bem em conservar o nosso interior (Gabriel, 2011, p. 9).

Um dos capítulos dedica-se à história de São José dos Campos. Dentre as dez histórias, encontra-se a Igreja de São Benedito. Sobre a igreja em questão, a autora registra duas narrativas contadas pela população: a doação de grandes quantias de ouro para a finalização da longa construção do templo e a existência de um túnel subterrâneo que conectaria a igreja à Igreja Matriz e ao Banhado¹, retratadas nas figuras 2 e 3.

Um lavrador conhecido como João Ribeiro, do bairro Jaguari, reformava um velho casarão quando, ao quebrar uma das paredes, descobriu um panelão de barro enterrado. A vasilha estava cheia de barras de ouro. O homem, diante de tanta sorte, resolveu agradecer a Deus, doando para a igreja dinheiro suficiente para terminar a construção, concluída alguns anos depois. Há quem diga que atrás do altar há uma passagem secreta, um túnel que liga o prédio à Matriz e ao Banhado (Gabriel, 2011, p. 124).



Figura 2: Foto do Banhado

Fonte: Gabriel (2011, p. 128)

¹ Banhado, citado pela autora, refere-se à uma área de várzea do rio Paraíba do Sul, sendo considerado um dos cartões postais da cidade. Localizado no centro do município.



Figura 3: Igreja Matriz de São José dos Campos

Fonte: Gabriel (2011, p. 123)

Geograficamente, ambos os destinos dos possíveis túneis se localizam, de certa forma, nas proximidades da igreja. Por meio da plataforma QGIS, foi possível a montagem de um mapa para que seja concreto o entendimento das distâncias dentro deste território, pertencente à região central de São José dos Campos, como podemos ver na figura 4. Ao visualizarmos esses locais, a lenda deixa o campo do abstrato e ganha uma dimensão territorial concreta, incentivando a reflexão sobre o significado simbólico dessa conexão subterrânea no contexto da escravocrata São José dos Campos.

Mapa de localização da Igreja de São Benedito e a provável localização de respectivos caminhos para a Igreja Matriz e o Banhado



Figura 4: Mapa do trajeto dos possíveis túneis

Fonte: Gabriel (2011) - elaboração da autora

Torna-se essencial registrar aqui uma terceira narrativa, apesar de não estar presente na obra de Gabriel. No município, os moradores antigos também circulam a história de que um homem foi enterrado nas paredes da igreja. Alguns dizem, inclusive, que era possível enxergar sua silhueta pela parede e sentir o odor do processo de putrefação do corpo. O registro deste fato consta no Álbum de São José dos Campos, escrito por João Netto Caldeira em 1934, que será abordado em breve.

Percebe-se, desta maneira, que o patrimônio erguido pelos escravizados compõe o imaginário da cidade e se faz presente nas lendas e narrativas que circulam nos ares joseenses. A Igreja de São Benedito, portanto, representa não somente os aspectos materiais de um passado remoto, mas também suas oralidades: sua existência também está cercada pelos aspectos imateriais do patrimônio e da cultura.

A narrativa constitui, pois, o espaço em que a memória se manifesta, tomando toda recordação a forma de um relato retrospectivo. Representa a fonte do contar, logo, a origem da narração, exposição primitivamente oral de um sujeito para um grupo de ouvintes, como qual compartilha interesses e expectativas (Zilberman, 2006, p. 130).

Estas são as narrativas que envolvem o templo de taipa. Seriam elas “apenas” histórias? Existiriam registros que atestem sua veracidade? Como afirma a própria autora, todo conto

presente em uma sociedade carrega, ao menos, uma parcela de verdade. No entanto, não se pretende estabelecer critérios de veracidade aos contos existentes, afinal, sua contribuição à história oral joseense já está consolidada. O objetivo deste artigo é discorrer e evidenciar em quais pontos a oralidade encontra a documentação.

Igreja de São Benedito: entre o imaginário popular e a história documentada

Desde 1999, a Igreja de São Benedito está sob tutela da Fundação Cultural Cassiano Ricardo (FCCR), tendo em vista a realização de um comodato desta instituição com a Mitra Diocesana. Assim sendo, os representantes desta fundação ficaram responsáveis pela manutenção do patrimônio, e é justamente este fato que permitirá a confirmação de uma das lendas joseenses.

Em 2010, a arquiteta da instituição liderou o processo de restauro do templo em conjunto com a historiadora do Arquivo Público Municipal. Neste processo, encontraram em uma das paredes de taipa um relevo diferente, causando estranhamento. O objeto que encontraram era uma urna funerária de 1,60 de altura (G1, 2022). Eis o momento da concretização de uma das lendas mais antigas da cidade, causando dúvidas e surpresas entre os munícipes.

Para entender de fato a razão pela qual tal urna foi encontrada nas paredes da São Benedito, é necessário retroceder aos tempos escravistas da cidade, mais uma vez. O Álbum de São José dos Campos (Caldeira, 1934) representa, nesse contexto, uma preciosa fonte primária que registrou tal ocorrido. Em uma das páginas do grande álbum encontra-se o seguinte trecho:

Demoliu-se no anno de 1879 a egreja do Rosario², velho templo localizado na actual Praça Conego Lima onde agora está a bomba de gasolina Mercadante & Cia. No fundo de um corredor, ao lado da nave, estava a sepultura do sr. cap. Miguel de Araujo Ferraz, cuja actuação foi mais salientes nos primeiros annos de existencia da localidade, como antes. Com a demolição da egreja, tratou-se da remoção dos despojos, que foi aberto o tumulo, encontrando-se o corpo mumificado e tendo cabellos em perfeito estado. Facto causou profundo assombro na população que logo emprestou votos de santidade ao finado. Chamados os descendentes do extinto, resloveram o transporte do corpo para a egreja de São Benedito, ahi collocado em pé, entre duas paredes do templo. Tempos depois, em consequencia da infiltração de humidade ou por qualquer motivo, a população novamente alarmou-se ao notar perfeitamente, na parte externa da parede, os contornos exactos do cadaver. Avisados do que ocorria e desejando terminar de vez com o desgradavel incidente,

² A Igreja do Rosário também foi construída pelos escravizados da cidade, sendo monitorada pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos. Das escassas fontes existentes sobre este grupo, não é possível saber ao certo em que ano ergueram a igreja. Conforme o Álbum citado, foi demolida em 1879, não havendo nenhuma indicação de onde foi erigida na Praça Conego Lima atualmente.

os membros da família Araújo Ferraz fizeram cimentar o local, desaparecendo aos poucos do espírito público a impressão que estranho facto causára (Caldeira, 1934, p. 91).

Voltando para o ano de 2010, o encontro da urna do falecido capitão se tornou matéria jornalística na cidade de São José dos Campos. Segundo entrevista dada pela arquiteta da FCCR ao portal de notícias G1, assim que a urna foi achada, contataram um arqueólogo que com aprovação municipal investigou a ossada. Após os testes realizados, foi confirmado que eram os restos mortais do Capitão Miguel de Araújo Ferraz. Devido à frágil estrutura das paredes, não se pretende remover os restos mortais pelo risco de queda do templo.

A família Araújo Ferraz, ou Ferraz Araújo, foi uma tradicional família joseense, detentora de terras e escravizados. Por meio das Atas Oficiais da Irmandade de São Benedito, foi possível localizar o nome desta família e constatar que alguns dos escravizados que participavam da confraria estavam sob posse dos herdeiros do famoso capitão, como é possível ver na figura 5.

591360 cuja quantia que a margem sah, acompanhada da competente quia, foi entregue ao seu Thesoureiro João Dias Nunes. Formarão a sahir as mesmas caixinhas, para tirar esmolas, no proximo futuro mez que hoje começa, sendo elles entregues aos Irmãos seguintes: As da roça aos Irmãos Camilo, escrava de Albino de Medeiros e Silva, e Benedicto Alves Rodrigues, e da Cidade ao mesmo Rofim escravo de Brízio d'Araújo Ferraz. Forão hoje assentados como irmãos de São Benedito os seguintes: Bonifácio

Figura 5: Imagem de parte da ata da Irmandade de São Benedito de 1878 do dia 16 de junho de 1878, informando sobre a arrecadação de esmolas
Fonte: Ata da Irmandade de São Benedito de 16 de junho de 1878

Para que não haja confusões ou dificuldades de leitura, foi realizada a transcrição paleográfica deste trecho na íntegra, visando a compreensão de todos no processo de identificação da posse de escravizados por parte da família Araújo Ferraz. Segue-se:

Formarão a sahir as mesmas caixinhas, para tirar esmolas no proximo futuro mez que hoje começa, sendo elles entregues aos Irmãos seguintes: As da roça aos Irmãos Camilo, escrava de Albino de Medeiros e Silva, e Benedicto Alves Rodrigues, e da

cidade ao mesmo Rofino escravo de Bibiano d'Araújo Ferraz (Transcrição da Ata da Irmandade de São Benedito de 16 de junho de 1878).

Dentro do olhar historiográfico, o fato do corpo do capitão estar enterrado nas paredes do monumento de taipa é deveras significativo. Como discorrido, seus restos mortais foram enterrados primeiramente na Capela de Nossa Senhora do Rosário, também liderada por uma irmandade negra, e posteriormente migrados para a Igreja de São Benedito. O homem reconhecido pelas diversas contribuições e “digno” de ser enterrado em paredes sagradas foi o mesmo que escravizou a população negra joseense. Sua ossada tornou-se parte da estrutura da igreja e está localizada na área inferior direita do templo, tendo acesso pela nave do monumento. Na figura 6, é possível observar o interior da Igreja de São Benedito por volta de 2010, quando ainda era aberta ao público.



Figura 6: Interior da Igreja de São Benedito

Fonte: Arquivo Público Municipal de São José dos Campos

Nesse caso, a grande lenda tornou-se um fato verídico que pode ser comprovado pelas fontes primárias e pelos serviços de restauros ocorridos anos depois. No que se refere às outras duas lendas, não há comprovações concretas sobre sua veracidade. No entanto, uma outra entrevista é capaz de esclarecer curiosidades sobre o possível túnel existente na Igreja de São Benedito, conforme citado por Sônia Gabriel.

Akira Umeda, historiador local, revelou à imprensa que há, de fato, um pedaço do chão que foi cimentado e coberto com outros pedaços de madeira, o que indicaria a existência de uma cavidade por baixo, podendo ser o túnel (MEON, 2015). Apesar disso, não há registros fotográficos ou citações verídicas que atestem a existência de tal passagem. Em relação à grande quantia de dinheiro doada à Igreja no século XX, também não há comprovações.

Uma outra matéria jornalística encontrada na hemeroteca da Biblioteca Maria Amália Corrêa Giffoni registra ainda uma outra história sobre itens encontrados no interior da igreja nos processos de restauração. A matéria do dia 24 de outubro de 2010 do jornal O Vale relata o encontro de uma imagem intacta de barro de São Benedito em uma caixa de madeira no processo de raspagem das paredes. Na qual podemos verificar a manchete do jornal na figura 7.



Figura 7: Matéria do jornal O Vale
Fonte: Biblioteca Maria Amália Corrêa Giffoni (2010)

O ponto deste artigo não é categorizar as lendas entre falsas ou verdadeiras, caso contrário, não chamar-se-iam lendas. Como dito, o que está sendo proposto é uma análise da imensa contribuição à história oral joseense trazidas pelas crônicas e o entendimento das ferramentas historiográficas enquanto aliadas no processo de estudo de tais memórias.

Igreja de São Benedito: um debate entre cidade, memória e patrimônio

As historicidades coletadas por Sônia Gabriel em seu trabalho ao longo de todo o Vale do Paraíba Paulista revelam, para além da riqueza e multiplicidade cultural da oralidade, a importância do território. O território torna-se o espaço em que tais memórias se desenvolvem e se mantêm vivas ao longo das décadas. Na cidade de São José dos Campos, a Igreja de São Benedito estabeleceu, desde sua construção, uma relação direta com seu entorno, mesmo com tantas formas estruturais de apagamento de seu passado.

Tal reflexão pode ser fomentada a partir da contribuição de Milton Santos quando discorre sobre o território usado. Nesse sentido, o território não pode ser entendido apenas enquanto um conjunto de sistemas naturais ou superpostos. Não seria cabível entendê-lo, exclusivamente, como território em si. “O território usado é o chão mais a identidade” (Santos, 2002, p. 13). Para o autor, identidade seria o sentimento de pertencer ao lugar onde se dá o exercício da vida.

O território é o lugar em que desembocam todas as ações, todas as paixões, todos os poderes, todas as forças, todas as fraquezas, isto é, onde a história do homem plenamente se realiza a partir das manifestações de sua existência. [...] a identidade é o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence (Santos, 2002, p. 13).

Neste sentido, as cidades e seus territórios representam o solo fértil para a formação das narrativas, oralidades e memórias, fatores imprescindíveis na construção da identidade de um povo. No artigo “Memória, Patrimônio e Cidade” o autor Odair da Cruz Paiva (2017) estabelece uma visão importante sobre as cidades: estão em constante transformação. O autor afirma que:

As cidades são, para nós, aquilo que aprendemos a partir do que vivemos nelas, a partir do que queremos que elas sejam e a partir do que elas também são, independentemente de nossa ação e nosso desejo. Elas estão em constante disputa, particularmente quando pensamos essa contenda no âmbito tanto da memória que sobre elas construímos no presente quanto da memória que foi erigida no passado (Paiva, 2017, p. 123).

Entende-se que o território representa, nesse processo, o solo fértil para a manutenção da memória do passado e da formação do presente. A perspectiva aqui utilizada sobre a memória é a de Maurice Halbwachs (2006), principalmente no que tange a memória coletiva. Para o autor, a memória coletiva é aquilo que se passa de geração em geração a partir de uma consciência do passado. Dessa maneira, memórias coletivas carregam interações, dialéticas, conflitos e relações sociais, podendo ser um recurso ideológico e político dos grupos sociais.

A memória coletiva é, então, a base do trabalho de Sônia Gabriel. Foram justamente as interações, as dialéticas e as relações sociais que permitiram a coleta dessas lendas que hoje compõem o imaginário do Vale do Paraíba. Dentro dessa mesma lógica é possível reconhecer a relação, finalmente, entre a cidade, a memória e, não menos importante, o patrimônio. A Igreja de São Benedito, infelizmente apagada pelas narrativas tecnológicas, representa um elemento crucial na história joseense.

A conceituação do termo “patrimônio” dentro da academia é vasta, mas não homogênea. Afinal, muitos são os tipos de patrimônio: histórico, artístico, arqueológico, paisagístico, etc. Sua conceituação, especificamente, não é o foco deste artigo, mas sim entendê-lo simbolicamente. Aqui, pretende-se entender o patrimônio pelo viés das mediações sensíveis que representa:

Afinal, os seres humanos usam seus símbolos sobretudo para agir, e não somente para se comunicar. O patrimônio é usado não apenas para simbolizar, representar ou comunicar: é bom para agir. [...] Não existe apenas para representar ideias e valores abstratos e ser contemplado. O patrimônio, de certo modo, constrói, forma as pessoas (Abreu; Chagas, 2009, p. 31).

Sendo assim, o papel da Igreja de São Benedito enquanto patrimônio joseense foi o de simbolizar, comunicar e representar aspectos da oralidade, do imaterial e da formação de uma herança cultural. Eis uma vertente de extrema riqueza dos patrimônios e a necessidade urgente de pensarmos suas representações para além da pedra e do cal. Enquanto patrimônio histórico da cidade e do estado, o templo de taipa mediou os dialetos entre o passado e o presente, o antigo e o novo, o antes e o agora.

Historiograficamente, o processo de mediar o diálogo entre os tempos não é uma tarefa fácil, sendo a História Oral a ferramenta pela qual trabalhos como o de Sônia Gabriel são possíveis. De certa forma, entender as fontes orais como documentos reconhecidos pela historiografia é um avanço recente.

Finalmente, a evidência oral pode conseguir algo mais penetrante e mais fundamental para a história. Enquanto os historiadores estudam os atores da história a distância, a caracterização que fazem de suas vidas, opiniões e ações sempre estará sujeita a ser descrições defeituosas, projeções da experiência e da imaginação do próprio historiador: uma forma erudita de ficção. A evidência oral, transformando os “objetos” de estudo em “sujeitos”, contribui para uma história que não só é mais rica, mais viva e mais comovente, mas também mais verdadeira” (Thompson, 1992, p. 137).

Como visto, Thompson corrobora com o argumento de que a oralidade, portanto, acaba por gerar historicidades mais ricas, mais vivas, contribuindo para a historiografia na mesma proporção que as histórias unilineares, ainda que a partir de uma proposta diferente.

Para fundamentar este debate, torna-se necessário citar Ecléa Bosi (2003, p. 19) para afirmar que a narrativa, diferente dos documentos, enfatiza a complexidade do que está sendo relatado.

Mais que o documento unilinear, a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a vida privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida quotidiana. Colhe pontos de vista diversos, às vezes opostos, é uma recomposição constante de dados. Não esqueçamos que a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado [...] (Bosi, 2003, p. 19).

Necessário ressaltar que tais pontos de vista não são unâimes no âmbito historiográfico. Historiadores como Eric Hobsbawm (1983, p. 1), por exemplo, reconhecem a importância dessa metodologia, mas apontam ressalvas no que se refere à sua confiabilidade. O autor coloca que “tradições que parecem ou afirmam ser antigas são, muitas vezes, de origem recente ou em alguns casos inventadas”³, colocando em evidência a necessidade de cautela no uso da história oral como fonte, especialmente quando estas narrativas servem à legitimação identitária ou simbólica — dado que podem ter sido reinventadas ou reconstruídas com propósito ideológico.

Tal apontamento, no entanto, não interfere na credibilidade do enredo que aqui se desenvolveu. A historiografia não é unânime, homogênea. São suas diferenças que permitem seu movimento e este artigo procurou evidenciar que no contexto da história vale-paraibana e, especificamente, joseense, a história oral permitiu - e ainda permite - a manutenção de uma memória coletiva.

Costumo não me ater a extremos. Compartilhei e continuei. As histórias continuaram chegando, me chamando, me possibilitando novos amigos e aprendizados. De tudo o que tenho visto, permanecem as pessoas as quais pretendo, ainda, muitas vezes, reencontrar. De tudo que sinto, deixo um recado, não um conselho, apenas um recado: contem e ouçam histórias. Permitam-se este prazer. De tudo que absorvo, dividirei com vocês, pois as pessoas são o que de melhor o mundo tem. Não há tecnologia que sobreviva sem as pessoas, não há ciência que se realize sem as pessoas, não há sentir que valha a pena se não há pessoas. E para as pessoas que guardam, cuidam, preservam, contam as histórias de nossa gente e tantas outras que recebem, acolhem, confiam, desprotege-se diante desta estranha que lhes solicita, deixo esta minha última visão do ser vale-paraibano... Por enquanto, é claro! (Gabriel, 2011, p. 153).

Por fim, é de grande importância enfatizar no presente artigo a necessidade de haver, por parte do município, um maior reconhecimento das heranças culturais que a Igreja de São Benedito abriga. Um templo tombado, histórico e atravessado por oralidades encontra-se fechado por risco de queda, não havendo previsões exatas para seu restauro. Sua historicidade

³ “*Traditions which appear or claim to be old are often quite recent in origin and sometimes invented*” (Hobsbawm, 1983, p. 1).

perdeu-se em meio aos privilégios das narrativas aeroespaciais. Esta escrita é o que representa uma tentativa de trazê-la de volta aos holofotes joseenses.

Considerações finais

A história de São José dos Campos é movida pelas narrativas tecnológicas e urbanísticas, afinal tais elementos compõem a memória joseense. Porém, outras narrativas compõem tal imaginário popular, fato este que pode ser analisado pelo trabalho de Sônia Gabriel em *“Mistérios do Vale”*. Ao coletar histórias e lendas contadas pelos municípios ao longo de todo o Vale do Paraíba, seu trabalho é o que representa a riqueza das oralidades para a memória coletiva.

No município joseense, algumas dessas lendas e histórias giram em torno da historicidade da Igreja de São Benedito, templo construído em 1870 pelos escravizados locais e tombado em 1980 pelo CONDEPHAAT. Entre ouros, imagens e capitães, os contos revelam a relação do patrimônio em questão com seu entorno, sendo possível realizar uma análise assertiva entre cidade, memória e patrimônio.

Oralidades carregam memórias e formam identidades, cumprindo um papel de grande contribuição no fazer historiográfico e na construção de uma historiografia mais diversa, múltipla e viva. Igreja de São Benedito: um patrimônio que estabelece conexões entre gerações, grupos, identidades e memórias.

CHURCH OF SAINT BENEDICT (SÃO PAULO, BRAZIL): MEMORY, HERITAGE AND ORALITY THROUGH SÔNIA GABRIEL'S PERSPECTIVE

Abstract: This article aims to analyze the relationship between memory, heritage, and orality through the study of the Church of Saint Benedict, located in São José dos Campos (SP). The research adopts a qualitative bibliographic review as its methodology, having as its main reference the work "Mistérios do Vale", by Sônia Gabriel. The study draws from popular narratives associated with the temple — such as the presence of a body within its walls or the existence of underground tunnels — articulating them with specialized literature on tangible and intangible heritage. The findings show that the city's memories remain alive through local orality. This research contributes to the debate on cultural heritage and subaltern memory in the urban context, proposing a historiographical listening that is attentive to voices excluded from official history.

Keywords: Church of Saint Benedict. Oral History. City. Heritage.

IGLESIA DE SÃO BENEDICTO DE SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SÃO PAULO, BRAZIL): MEMORIA, PATRIMONIO Y ORALIDAD DESDE LA PERSPECTIVA DE SÔNIA GABRIEL

Resumen: El presente artículo tiene como objetivo analizar la relación entre memoria, patrimonio y oralidad a través del estudio de la Iglesia de San Benedicto, situada en São José dos Campos (SP). Esta investigación adopta como metodología una revisión bibliográfica de carácter cualitativo, teniendo como referencia principal la obra "Mistérios do Vale", de Sônia Gabriel. El estudio parte de crónicas populares asociadas al templo —como la supuesta presencia de un cuerpo en sus paredes o la existencia de túneles secretos—, articulando estas narrativas con la bibliografía especializada sobre patrimonio material e inmaterial. Los resultados evidencian que las memorias del municipio permanecen vivas en la oralidad local. El estudio contribuye al debate sobre el patrimonio cultural y la memoria subalterna en el espacio urbano, proponiendo una escucha historiográfica sensible a las voces excluidas de la historia oficial.

Palabras clave: Iglesia de San Benedicto. Historia Oral. Ciudad. Patrimonio.

Referências

- ABREU, Regina. CHAGAS, Mário. (Org.) **Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios da psicologia social**. 2.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- CABRAL, Geraldo Marcondes. **Um monumento em taipa: Igreja de São Benedito**. São José dos Campos, SP: Secretaria da Educação de São José dos Campos, 1985.
- CALDEIRA, João Netto. **Álbum de São José dos Campos**. São Paulo: Cruzeiro do Sul, 1934.
- G1 São Paulo. **A história da ossada humana encontrada na parede de igreja histórica em São José dos Campos**. G1, 27 jul. 2022. Disponível em: <https://g1.globo.com/sp/vale-do-paraiaba-regiao/noticia/2022/07/27/a-historia-da-ossada-humana-encontrada-na-parede-de-igreja-historica-em-sao-jose-dos-campos.ghtml>. Acesso em: 27 jul. 2025.

GABRIEL, Sônia Maria da Silva. **Mistérios do Vale: histórias que o povo conta no Vale do Paraíba e Serra da Mantiqueira**. 2.ed. São José dos Campos, SP: Jac editora, 2011.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HOBSBAWM, Eric. Introduction: inventing traditions. In: HOBSBAWM, Eric; RANGER, Terence (ed.). **The invention of tradition**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983. p. 1-14.

IRMANDADE DE SÃO BENEDITO. Arquivo Público Municipal de São José dos Campos. Ata de 16 de junho de 1878.

MEON. **Especial: 248 anos, curiosidade e lenda do túnel secreto dos escravos**. Meon, s.d. Disponível em: <https://www.meon.com.br/noticias/rmvale/especial-248-anos-curiosidade-lenda-o-tunel-secreto-dos-escravos>. Acesso em: 27 jul. 2025

PAIVA, Odair da Cruz. Memória, Patrimônio e Cidade. In: **Revista Observatório Itaú Cultural** - n. 22 (maio/nov. 2017). São Paulo: Itaú Cultural, 2007.

PAPALI, Maria Aparecida. **Vestígios de um cotidiano: trabalhadores, escravos, lavradores negociantes e coronéis em São José dos Campos-SP (1870-1888)**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.

SANTOS, Ana Lygia dos; OLIVEIRA, Neide Aparecida Arruda de. De mistérios, ventos e quintais - O Vale do Paraíba nas crônicas de Sônia Gabriel. **Anais do XX INIC, XVI EPG, X INIC Jr., VI INID**. São José dos Campos, SP, 2016.

SANTOS, Milton. O dinheiro e o território. In: SANTOS, Milton *et al.* **Território, Territórios. Ensaios sobre o ordenamento territorial**. Rio de Janeiro: DP & A, 2002, pp. 13-21.

SILVA, Stella Camille da. **Igreja de São Benedito e a Irmandade Negra de São José dos Campos**. Trabalho de Graduação (Graduação em História) - Faculdade de Educação e Artes, Universidade do Vale do Paraíba, São José dos Campos, SP, 2024.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: a história oral**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

ZILBERMAN, Regina. Memória entre a oralidade e a escrita. **Revista Letras de Hoje**. Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 117-132, setembro, 2006.

SOBRE A AUTORA

Stella Silva é mestrandona em História pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP); bolsista FAPESP no projeto "Fazendo falar os ossos: linguagem, corpo, materialidade e conhecimento no trabalho em um laboratório forense".

Enviado em 31/07/2025

Aceito em 10/12/2025